

Apresentação

Entre literatura e cinema, as relações são múltiplas e complexas, podendo compreender a atracção, a rejeição, a confrontação, ou mesmo, a ambivalência. Desde o seu aparecimento, o cinema suscitou em vários escritores tanto fascínio e entusiasmo quanto desconfiança e repúdio. Se alguns deles rejeitaram radicalmente este novo dispositivo, vendo nele mais uma curiosidade de feira e um entretenimento popular do que uma nova arte (Franz Kafka, G. K. Chesterton, Fernando Pessoa, Robert Musil, etc.), outros pretenderam criar linguagens literárias inéditas que respondessem ao surgimento do cinematógrafo e às suas potencialidades imagéticas (Guillaume Apollinaire, Blaise Cendrars, Fernand Léger, Jean Cocteau, etc.). Assim, podemos, por um lado, pensar que o cinema se apropriou ao longo do tempo de segmentos verbais e figuras tipicamente literárias, procurando aproximar-se – pensar-se próximo – quer da prosa quer da poesia (S. M. Eisenstein, D. W. Griffith, Man Ray, Pier Paolo Pasolini, etc.); por outro lado, a chamada 7ª arte pretendeu autonomizar-se, reclamando uma expressão própria, especificamente ocular e visual (Dziga Vertov, Jean Rouch, Jean-Luc Godard, etc.). Certo é que nenhuma das técnicas ficou incólume, cada uma tendo integrado traços da outra ou, na confrontação com ela, tendo procurado pensar-se e transfigurar-se.

Na bibliografia especializada dos estudos intermediais incidindo sobre as relações entre as duas artes, predominam claramente os trabalhos sobre a adaptação. Compreende-se a insistência no tema: a adaptação não só torna imediatamente perceptível um certo tipo de ligação entre as duas práticas, mas permite também questionar hierarquias, cânones e

processos de hibridização. Porém, se a adaptação é a mais evidente forma de imiscuição entre a literatura e o cinema, nem por isso é a única. Acresce ainda que, frequentemente, o estudo da adaptação não permite compreender de que modo a literatura também se metamorfoseou no confronto com a arte cinematográfica (o que é exactamente oposto à forma como Marie-Claire Ropars-Wuilleumier pensa a adaptação).

Desde o surgimento do cinema, foram apresentadas várias teses sobre as aproximações temáticas, formais ou mesmo práticas entre os dois médiuns. De todas as contribuições, fica, então, claro que a relação entre literatura e cinema não se esgota no aproveitamento de enredos ou personagens e na sua transposição para o ecrã. Essa relação dá-se através de muitos outros mecanismos: do segmento verbal tornado imagem (intertítulos) e da imagem tornada segmento verbal (écfrase); da mútua citação; da mimetização do arranjo formal de uma obra (montagem e sequencialidade); da compreensão de uma certa afinidade entre o carácter visual da palavra escrita e do fotograma ou, por outras palavras, a sua dimensão hieroglífica (Tom Conley, M.-C. Ropars-Wuilleumier, Fernando Guerreiro); o filme-ensaio; a própria crítica cinematográfica; entre outras modulações possíveis da relação entre as duas artes.

Este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* pretendia, então, juntar um conjunto de trabalhos que se inscrevessem nestas perspectivas e que procurassem explicitar as várias afinidades e tensões entre as duas práticas artísticas. É pois com satisfação que o apresentamos com a certeza de que os leitores aqui encontrarão diversas propostas de análise, originais e inovadoras, dentro deste campo de estudos. Tal fica comprovado com os breves sumários dos artigos que aqui deixamos elencados. Assim, José Bértolo procura trabalhar algumas questões relacionadas com a narrativa cinematográfica a partir de *La Glace à trois faces* (1927), de Jean Epstein, filme que apropria o conto homónimo de Paul Morand, e de dois ensaios da autoria do cineasta, com o objectivo de evidenciar a ideia epsteiniana de cinema enquanto “arte do evento”. Já Bruno Fontes procurará mostrar como *Conversa Acabada* (1981), de João Botelho, apresenta diferentes formas de inscrever a escrita no filme, em particular a escrita de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro. Fernando Guerreiro procurará pensar o aproveitamento por parte de

Maurice Tourneur da qualidade «espectral-luminescente» (cinematográfica) das obras de Joseph Conrad. Por seu lado, Sofia Karam analisará uma cena do filme *Cría Cuervos* (1976), do espanhol Carlos Saura, e algumas noções de Jean-Luc Nancy, para avaliar o modo como o cinema pode ser uma arte narratológica pela qual se explicita um pensamento sobre corpo, cinema e escrita. Helder Thiago Maia procurará reconstruir uma história do cinema e uma história do erotismo nas salas de exibição cinematográfica, a partir de textos literários latino-americanos; chegando, por via dessa análise, aos cinemas pornográficos e às salas multiplex. Alexandra João Ramos Correia Martins traçará aproximações formais entre a obra poética e a obra cinematográfica de António Reis, aproveitando as noções de “cinema de poesia”, de Pier Paolo Pasolini, e de “cinema da poesia”, de Rosa Maria Martelo. Diogo Martins trabalhará sobre os dois anões de *A Boca na Cinza*, livro de Rui Nunes, e os dois trolls de *Na Fronteira*, filme de Ali Abbasi, mostrando que, nos dois casos, as respectivas linguagens são trabalhadas num estilo que exacerba as suas potencialidades materiais. Helena Martins analisará em *Adieu au Langage*, de Jean-Luc Godard, o trabalho de citação (Valéry, Rilke, Beckett, Borges e Anouilh) mostrando o movimento de permutação e contágio entre os médiuns. Paulo Mendonça investigará a actualização de temáticas dostoievskianas na obra cinematográfica de Woody Allen, partindo do conceito de “cinema impuro”, de André Bazin, para evidenciar, em particular, as relações entre os filmes *Match Point* e *Crimes and Misdemeanors* e o romance *Crime e Castigo*. O artigo de Hugo Monteiro explora também a ideia de impuro, pois tratará os processos de citação como “arte impura” em *Paterson*, de Jim Jarmusch, baseando a sua leitura na Desconstrução de Jacques Derrida. Eduardo Nunes procura pensar a adaptação através da avaliação da transformação das personagens no trânsito intertextual e intermediático, analisando, nomeadamente, o relógio da personagem desenhada por Jens Eder (2010). Marília Corrêa Parecis de Oliveira apresenta um estudo sobre o argumento cinematográfico no romance *Miguel e os Demônios* (2009), de Lourenço Mutarelli, identificando, nesse caso de estudo, a incorporação de recursos da linguagem cinematográfica no texto literário. Ana Gabriela Dickstein Roiffe trabalha *Acidente* (2006), de Cao Guimarães e Pablo Lobato, feito a partir de um processo de composição poética (com o nome de vinte cidades do estado de Minas Gerais); a autora

discutirá, com o auxílio de conceitos tais como “filme textual”, “cinepoesia”, “dispositivo” e “cinema de poesia”, o modo através do qual o filme evoca tradições variadas, sobretudo das vanguardas, na relação entre texto e cinematismo. Lia Leite Santos explorará a relação intersemiótica entre o conto *Las babas del diablo* (1959), de Julio Cortázar, e o filme *Blow Up* (1966), de Michelangelo Antonioni, problematizando o processo de tradução do texto literário para a adaptação fílmica. Daniel Moutinho Souza analisará *As Mulheres do Meu Pai*, de José Eduardo Agualusa, obra que era inicialmente um argumento cinematográfico, expondo assim a estrutura reflexiva análoga ao género de documentário conhecido como making-of, e justificando depois a sua constituição como obra literária. Thaís Rocha Tavares analisa *O Fotógrafo*, de Cristovão Tezza, e aí procura averiguar o modo como se trabalha a ideia e as significações de «fotograma» em articulação com a noção de capítulo. Por fim, o número inclui ainda um texto de Anne Staquet sobre *Cyrano de Bergerac* e uma recensão crítica sobre *Os Clássicos da Literatura*, de Italo Calvino.

Pela sua configuração, consideramos que este número de *Cadernos de Literatura Comparada* constituirá um bom instrumento de trabalho ou de averiguação deste campo de estudos para académicos, estudantes ou curiosos. Nesse sentido, só podemos sentir a maior gratificação e entusiasmo com a sua apresentação finalizada e pública. Agradecemos, por isso, a todos os autores que nos fizeram chegar as suas propostas e com elas nos permitiram levar a bom termo este projecto.

Elisabete Marques

Rita Novas Miranda

Sofia de Sousa Silva